

Baixando o nível do debate

Categories : [Flávia Velloso e João Teixeira da Costa](#)

Graças a uma iniciativa do [IBMEC São Paulo](#) a discussão sobre mudança climática no Brasil promete mudar de patamar. Infelizmente, tudo indica que a mudança será para um patamar inferior.

O IBMEC — e um tal Centro de Liderança Pública, [desconhecido do Google](#) — estão convidando para um seminário internacional intitulado “Aquecimento global: o dilema político e econômico”, na segunda-feira 31 de março em São Paulo. A grande atração do evento será a presença dos senhores Patrick Michaels e Bjorn Lomborg, autores de “best sellers” sobre ambientalismo e mudança climática.

Os dois têm currículos respeitáveis. Lomborg ficou conhecido anos atrás quando lançou o livro [“O ambientalista cético”](#) (2001). Ele se apresentava então como uma pessoa interessada nos problemas do meio ambiente, mas que resolveu investigar por conta própria as afirmações freqüentemente alarmistas dos ecologistas e que acabou descobrindo que as coisas não estavam tão mal assim.

A primeira vista o livro de Lomborg parece bastante respeitável. É um volume imponente e traz ao final o aparato que se espera de uma boa obra de divulgação científica, com notas e referências bibliográficas. O livro, no entanto, foi [severamente criticado por cientistas altamente respeitados](#), gente do quilate de um E. O. Wilson ou de um Thomas Lovejoy.

Mas nem por isso Lomborg deixou de se tornar uma espécie de porta-voz daqueles que preferem acreditar que a crise ambiental é um mito. Em 2004 ele organizou o [“Consenso de Copenhague”](#), um seminário internacional cujo objetivo era afirmar que há outros problemas humanitários mais prementes do que a mudança climática. E em 2007 ele lançou mais um livro: [“Cool It: The Skeptical Environmentalist’s Guide to Global Warming”](#). Ele vem sendo acusado mais uma vez de usar resultados de pesquisa científica de maneira seletiva, induzindo seus leitores a conclusões erradas ([Salon](#)). Lomborg insiste em dizer, entre outras coisas, que só devemos combater a mudança climática depois de resolver os problemas da fome e das doenças, como se fosse necessário escolher uma coisa ou outra.

[Patrick Michaels](#), por sua vez, é doutor em climatologia ecológica e até 2007 era professor da universidade de Virginia, uma respeitada instituição americana. Michaels é conhecido como um dos assim-chamados céticos do aquecimento global. Até muito recentemente, a imprensa americana dava ao tema um tratamento “fla-flu”: praticamente todas as matérias sobre o assunto traziam algum contraponto ao consenso cada vez mais firme da comunidade científica de que (1) o clima da terra está mudando (2) esta mudança é causada pelo homem e (3) teremos conseqüências terríveis se nada for feito. O jogo mudou depois da publicação do mais recente

relatório do IPCC em 2007, mas por anos Michaels e outros “céticos”, [financiados pelas indústrias do petróleo e do carvão](#), criaram confusão e contribuíram para fazer dos Estados Unidos um dos mais eficazes freios contra qualquer avanço no tema.

Não é preciso acreditar em teorias conspiratórias para perceber que os chamados céticos sabem muito bem como o consenso científico é formado e como as descobertas científicas são transmitidas pela imprensa para o público geral. Esses processos são imperfeitos. A comunidade científica precisa estar sempre aberta aos contestadores das verdades estabelecidas, pois sem eles não haveria progresso; não é à toa que Galileu é uma das personalidades mais importantes da história da ciência. Os chamados céticos posam de cavaleiros solitários, lutando contra um implacável “establishment” que, movido por interesses escusos, se recusa a dar-lhes a razão.

A imprensa, por sua vez, lida com limitações fundamentais. Os jornalistas científicos não conhecem a fundo os temas com os quais trabalham. O resultado é que os jornalistas não devem e não podem dizer o que é ciência boa e o que não é. Essa responsabilidade cabe aos cientistas, que geralmente estão mais interessados em suas pesquisas e muitas vezes relutam em falar com a imprensa. O resultado é que gente como Michaels consegue uma notoriedade que não merece. Essa notoriedade, por outro lado, torna fácil a tarefa de descobrir quem ele é e para quem trabalha. É só pesquisar um pouquinho.